

Religiosidade e Devoção na Festa do Divino Espírito Santo da Quinta da Boa Vista, no município de Pinheiro, Estado do Maranhão: um estudo etnográfico¹

Maryna Eduarda Ferrais Lobato (IFMA/Brasil)²

Myrian Patrycia Pacheco Soares (IFMA/Brasil)³

Lucilene de Jesus Nogueira Lopes- co-orientadora⁴

Claudeilson Pinheiro Pessoa (IFMA/Brasil)- orientador⁵

RESUMO

A Festa do Divino Espírito Santo está presente na maioria dos estados brasileiros e especificamente no Estado do Maranhão é considerada uma das maiores expressões da cultura e religiosidade popular (LEAL, 2019, 2017; BARBOSA, 2006; FERRETTI, 1996). Constituída de elementos religiosos, simbólicos, culturais e de sociabilidades distintas da lógica vista como hegemônica a festa em questão compreende performances e momentos ritual que se consolidam como detentores de aspectos anti estruturais, porém que ao mesmo tempo confirmam as identidades e os saberes dos grupos que as produzem. Diante disso, o estudo em questão faz parte da pesquisa de Iniciação Científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão (FAPEMA) intitulada "Aqui a fé corre beirada: notas etnográficas sobre festejar o Divino Espírito Santo nas áreas periféricas do município de Pinheiro- MA" (EDITAL PIBIC EM/ 2022-2023). O problema que norteou essa pesquisa foi como são realizados os rituais na Festa do Divino Espírito Santo, São Benedito e São Sebastião da Quinta da Boa Vista em Pinheiro- M? e como os aspectos da religiosidade popular e da devoção são mobilizados no cotidiano da festa? Enquanto orientador e orientanda, respectivamente, caixeiro e bandeira/imperatriz (e filha da festeira) da referida festa, intencionamos neste estudo apresentar também as nossas impressões e envolvimento com a referida tradição que completou 60 (sessenta) anos de existência. Este trabalho visa descrever a memória deste festejo e dos seus rituais, a forma de organização que antecede o mesmo e sua realização, o cotidiano dos devotos e festeiros/organizadores, do império, das caixeiras (e caixeiros), bandeirinhas e bandeireiros e demais personagens que compõem esta manifestação cultural e religiosa, sendo a referida festa uma das mais antigas do município de Pinheiro e a sua manutenção, fortalece o sentimento de pertencimento da comunidade da Quinta da Boa Vista por meio da relação desta com o sagrado.

Palavras-chave: Religiosidade Popular; Devoção, Rituais; Festa do Divino Espírito Santo.

O Festejo do Divino Espírito Santo é uma das expressões mais populares da religiosidade maranhense, tanto pela grandiosidade dele quanto pela simbologia ritual dotada de sofisticação e toda uma estrutura narrativa incorporada por devotos, festeiros e demais personagens que compõem tal prática religiosa.

Diante disso, buscamos explicitar as diversas apropriações que agentes sociais

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Bolsistas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão-FAPEMA/Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/Ensino Médio-PIBIC EM; Aluna do curso Técnico em Meio Ambiente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA Campus Pinheiro); Caixeira e Imperatriz da festa do Divino Espírito Santo da Quinta da Boa Vista em Pinheiro, Estado do Maranhão.

³ Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão-FAPEMA/Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/Ensino Médio-PIBIC EM; Aluna do curso Técnico em Meio Ambiente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA Campus Pinheiro);

⁴ Caixeira e rezadeira de diversas festas do Divino Espírito Santo em Pinheiro, Estado do Maranhão;

⁵ Caixeiro do Divino Espírito Santo; Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA-Campus Pinheiro); Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas "Laboratório de Etnografias em Religiosidades Afro-brasileiras e Culturas Populares na Baixada e Litoral Ocidental Maranhense (LERECBA/IFMA/CNPQ); Coordenador do Projeto de Ensino e Extensão Divino IFMA.

fazem do referido festejo, dando ênfase a convivência cotidiana, por meio de uma incursão participativa. Assim, este estudo visa discutir a memória deste festejo, a forma de organização que antecede o mesmo e sua realização, o cotidiano dos devotos festeiros/organizadores, do império, das caixeiras (e caixeiros), bandeirinhas e bandeireiros e demais personagens que constitui esta manifestação grandiosa da religiosidade e cultura popular maranhense.

De acordo com Aires (2014) os principais momentos rituais da festa do Divino Espírito Santo são os seguintes: Abertura da tribuna; busca, batizado e levantamento do Mastro; Visita da corte; Missa dos impérios; Fechamento da Tribuna; Derrubamento do Mastro. Além disso, a festa é reconhecida pela fartura de alimentos, almoços e jantares, doces e bolos, frutas e muita pompa.

Assim, o festejo do Divino Espírito Santo na Baixada Ocidental do Maranhão obedece a uma dinâmica específica, porém converge em alguns elementos simbólicos e segue todos os momentos rituais. Na comunidade da Quinta da Boa Vista, localizada na zona rural de Pinheiro, Estado do Maranhão, a Festa do Divino Espírito Santo ocorre juntamente com a festa de São Benedito e São Sebastião entre os dias 10 (dez) e 20 (vinte) de janeiro e é uma tradição que vem acontecendo a muitas décadas, sendo uma festividade que vem passando de geração em geração.

A origem da festa é datada por volta dos anos de 1950 sob a coordenação do senhor Francelino Lobato, inicialmente na comunidade do Cerro, zona rural de Pinheiro e posteriormente se deslocando para a periferia do município, especificamente na comunidade da Quinta da Boa Vista, sendo que após o seu falecimento, a sua filha, Terezinha Lobato deu continuidade a tradição, com seguindo os momentos rituais e reproduzindo a dinâmica deixada pelo seu antecessor. Atualmente o festejo completou aproximadamente sete décadas de existência.

Imagens 01 e 02: Fotografia da Dona Teresa de Francelino, caixeira e festeira que continuou a festa após a morte do seu pai Francelino Lobato e a festeira Lisiene Ramalho (Pretinha), coordenadora da festa, em frente ao altar (2022). Fonte: Arquivo Pessoal



Em 2005, após o falecimento de dona Teresa Lobato, a festa é assumida pela senhora Lisiene de Jesus Ramalho (também conhecida por Pretinha) e pelo seu esposo Benedito Lobato, que era sobrinho de dona Teresa Lobato, o realizador anterior da festa. Pretinha foi bandeirinha e mordoma da festa e aprendeu toda a ritualística por meio da vivência de toda a festa. Assim, como Pretinha, as caixeiras atuais foram bandeirinhas da festa e aprenderam o toque e os momentos rituais por meio da oralidade, método este reconhecido e legitimado como única possibilidade de aprender tais processos, por meio do ver, ouvir e reproduzir. Pretinha não é uma promessa, realiza a festa porque gosta, mas enquanto festeira, deve se preocupar anualmente com os recursos para realização da mesma, que é vista como cara e despendiosa (PRADO apud LOBATO, 2023) Assim, deverá disponibilizar de uma reserva e de animais para serem abatidos, normalmente porcos, aves e rês que são oferecidos aos santos em ritual próprio.

As caixeiras que são em sua maioria senhoras idosas conhecedoras dos saberes e rituais da festa do Divino Espírito Santo, geralmente são mulheres "[...] trabalhadoras rurais já cansadas dos anos trabalhados, negras e brancas mostrando o seu saber desconhecido pelos mais novos, mas que exibem com alegria sempre sorrindo e contagiando os adeptos [...]" e devotos da referida festa. (BARROS, 2016, p.07) De acordo com FERRETTI (2009) as caixeiras tocam as caixas do Divino, que são tambores de madeira, tocados por duas varetas, revestidos de couro e com contas penduradas em uma armação de metal e são conhecedoras dos rituais da festa.

Estas senhoras guardam um amplo conhecimento musical e a transmissão dos rituais e de suas artes constroem relações sociais e promovem sociabilidades peculiares a uma irmandade. Assim, tal como qualquer irmandade, este se caracteriza por ser um grupo restrito que possui "[...] regras próprias para reconhecimento, desafio, inclusão e rejeição de suas participantes [...]" há um código de conduta e exigências de conhecimento "[...] claro, difundido e respeitados" (BARBOSA, 2015, p. 60)

Cada caixeira possuía sua bandeirinha que são crianças e adolescentes que portam uma bandeirinha com a imagem da pombinha do Divino bordada e que tem a função, dentro do universo da festa, de acompanharem as caixeiras e se apropriarem dos rituais. De acordo com Pacheco, Gouveia e Abreu (2005, p. 8) as bandeirinhas eram, antes de

tudo, “[...] a forma encontrada pelas caixeiras do passado para perpetuar a tradição e formar novas caixeiras. Ao acompanharem as caixeiras acabavam imitando as suas performances “[...] cantando versos, e tocando em pequenas latas de leite ou de manteiga” (PACHÊCO, GOUVEIA e ABREU, 2005, p. 8)

Imagens 03 e 04- Caixeiras e bandeirinhas em toques de caixa em frente ao altar e as caixeiras e bandeirinhas dançando em frente ao mastro⁶ da festa. Fonte: Arquivo Pessoal (2022)



Dentre os rituais temos a abertura da tribuna, matança de animais para servirem de alimentos para os participantes da festa (bois e porcos); toque de caixa sendo um dos momentos rituais de grande importância a alvorada matinal que dá início ao festejo, momentos de ladainha, almoço aos impérios e aos devotos, população em geral e convidados e distribuição de bolos, doces e bebidas.

Além disso, tem-se a representação do império composto de Imperador e Imperatriz e duas mordomas que carregam as imagens centenárias de São Sebastião e São Benedito. Estes componentes são vestidos com toda pompa e zelo explicitado pela grandiosidade de suas indumentárias e todo o conjunto de elementos que os caracterizam.

Além dos demais rituais já enfatizados anteriormente, existem também os cortejos pelas ruas da comunidade composto pelos integrantes do império, bandeireiros e bandeirinhas, caixeiras e população que se entusiasma em acompanhá-los. A festa que se compõe de dez dias é encerrada com o derrubamento do mastro que ocorre no final de semana posterior ao encerramento da festa e conta com a participação de todos os

⁶ Tronco de árvore com seis metros ou mais de comprimento, decorado ou pintado, que é fincado em frente à casa onde se realiza a festa, ou em praça pública. (SOPAS, 2009, p. 2230) “Lá vai o pombo voando/ Foi por cima da laranjeira/ Foi voando e foi dizendo/ viva o mastro e a bandeira”.

presentes, constituindo um momento de alegria e confraternização, onde o mastro é carregado pelas ruas do bairro em clima que mescla algazarra e devoção.

De acordo com Turner (2014, p. 19) os rituais revelam valores de uma sociedade no seu nível mais profundo. O ser humano revela aquilo que mais o toca e que profundamente o marca, sendo "[...] a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados [...]" (TURNER, 1996, p.19) Assim, por meio dos rituais entendemos as cosmovisões que orientam a vida social de um grupo (RADHOLFO apud PESSOA, 2023)

As estruturas da vida religiosa retroalimentam os seus valores por meio dos rituais, entendidos por Durkheim (apud LOBATO, 2023) como regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas e como este deve se relacionar com os aspectos profanos.

O festejo do Divino Espírito Santo é uma das expressões mais populares da religiosidade e cultura popular do Maranhão, sendo que, se "[...] destaca como uma das mais importantes, por sua ampla difusão e pelo impacto que tem sobre a população" (PACHECO, GOUVEIA e ABREU, 2005, p. 02) A referida expressão é reconhecida pela grandiosidade, constituída de sofisticados momentos rituais e a depender do local onde ocorre – casas de festa com celebrações do Catolicismo Popular e em Comunidades Tradicionais de Terreiro- sendo que estes podem ganhar outras *apropriações*. (De CERTAU apud LOBATO, 2023)

Os rituais internos existentes na festa do Divino Espírito Santo no Estado do Maranhão ocorrem em um salão chamado de *tribuna*, que representa uma corte real onde crianças vestidas com trajes nobres são constituídas de hierarquias que vão desde mordomos e mordomas até imperadores e imperatrizes. A festa pode durar até 15 (quinze) dias desenrolando um conjunto de momentos rituais a saber: Abertura e fechamento da tribuna, buscamento e levantamento do mastro, visita dos impérios, missa e cerimônia dos impérios, busca e levantamento do mastro, derrubamento do mastro, repasse de posses reais, e carimbó das caixeiros (PACHECO, ABREU e GOUVEIA, 2005) (LOBATO, 2023)

Em Pinheiro- MA as festas apresentam todos estes rituais, porém acrescenta-se a presença importante das rezas e ladainhas enquanto espaços de encontro e interlocução e trocas simbólicas constituindo-se enquanto processo recíproco com o sagrado (MAUSS, 1974) em espaços não institucionalizados de vivência religiosa denominada nesse aspecto de catolicismo popular. Os rituais em questão possuem elementos estruturais e obedece uma dimensão próxima da *comunitas* com traços de solidariedade e trocas diversas. (TURNER, 1996)

A referida expressão cultural e religiosa é constituída de elementos religiosos, simbólicos, culturais e de sociabilidades distintas da lógica vista como hegemônica a festa em questão compreende performances e momentos ritual que se consolidam como detentores de aspectos antiestruturais, porém que ao mesmo tempo confirmam as identidades e os saberes dos grupos que as produzem.

A abertura da tribuna é o momento ritual que inicia a festividade, seguido do levantamento do mastro. Tal momento ritual é constituído da busca de um tronco de árvore que após ser coberto de folhas de murta, o seu mastaréu possui a imagem dos santos São Sebastião e a Pomba do Divino e batizado, ganha status de santificado e merecedor de toda congratulação e reconhecimento. Na referida festa o mesmo é chamado de Oliveira e na sua base são dependurados doces e bebidas que são vendidas durante a festa. De acordo com Lisiene Ramalho (Em entrevista realizada em 02 de julho de 2023 em sua residência em Pinheiro- MA) “[...] quando me passaram a santidade eu já conhecia com esse nome. As caixeiras cantam dizendo como se fosse o monte das Oliveiras”

Imagem 05 e 06- Rituais de busca e levantamento do Mastro. Fonte: Arquivo Pessoal (2022)



Um ritual que merece destaque é a busca de joias⁷ e visitas às casas de devotos. Em muitas ocasiões estes devotos são lideranças religiosas de Terreiros de Matriz Africana e seus espaços de expressão do sagrado reforçam por meio do ritual de visita a dimensão sincrética tão comum a religiosidade afro-brasileira, sobretudo no Estado do Maranhão. (FERRETTI, 2009).

De acordo com a caixeira Elza Soares (Em entrevista realizada em 02 de julho de 2023 em sua residência em Pinheiro- MA) o cortejo sai em busca da coroa do Divino “[...] de casa em casa ou sai mesmo para pedir donativos e esmolas para a festa. Essa festa acontece com a ajuda de todo mundo porque é farta e porque é feita por gente pobre”. Assim, o sentimento comunitário e os sentidos delegados a festa se consubstanciam dando a ela uma conotação popular com forte teor de solidariedade e compartilhamento. Esses donativos ou ganhos servirão para serem distribuídos aos mais empobrecidos em forma de alimentos e guloseimas diversas durante toda a festividade. De acordo com Turner (1996) existem rituais que fortalecem aspectos antiestruturais e que cumprem papéis de coesão social fortalecendo valores, muitas vezes, aquém de dinâmicas institucionais. Em localidades muito distanciadas do universo urbano e aquelas sem presença constante da Igreja católica e seus ritos, as visitas e cortejos cumpriam a função de manutenção da cosmologia cristã. De casa em casa, em busca de donativos e cantando passagens católicas, elas eram responsáveis por levar bons presságios e a continuidade dos preceitos cristãos em uma perspectiva mais popular. A imagem a seguir apresenta a visita do cortejo do Divino ao Terreiro Cabana São Raimundo, localizado na Comunidade da Floresta em Pinheiro- MA.

⁷ Prática de percorrer o interior, para solicitar ajuda em dinheiro ou gêneros alimentícios para realizar a festa. “Santa Crôa / mas não é de pricisão/ pede prá experimentá/ quem tem um bom coração”. (ROCHA, 2009, p. 24)

Imagem 07- O cortejo na busca da Santa Croa no Terreiro Cabana São Raimundo. Fonte: Arquivo Pessoal (2022)



Um outro elemento importante da festa é o colorido que a constitui através dos seus altares constituídos de tecidos e brilhos, rendas e flores. Uma despesa e investimento necessário, tendo em vista a comunidade de devotos já aguardar pela estética e clamor artístico do altar que também é denominado de Tribuna. Os preparativos desse espaço se dão por meio de toda uma ritualização, que vai desde a escolha das cores e elementos variáveis e aqueles que são fixos e que nunca podem faltar pois são insígnias e símbolos da festa.

De acordo com Barbosa (2005) a tribuna não é apenas um lugar físico dentro do universo festivo, ele representa a dimensão da pureza consubstanciada no resguardo dos bens religiosos, da dinâmica sagrada que o espaço privado carrega, sobretudo quando se pensa na dimensão antagonista- e muitas vezes- da casa e da rua (DA MATTA, 1997) Apesar de ser um espaço físico, a tribuna se constitui como lugar sacro e uma temporalidade dentro da festa. Abre-se a tribuna, como se abre a festa. É a primeira etapa da festa que normalmente é realizada no Domingo de Páscoa. Enfeitada de flores, rendas, sedas e tecidos diversos, os altares das tribunas são espaços artísticos e muitas são confeccionadas pelos festeiros, algumas possuem os seus ornamentadores, e em Comunidades Tradicionais de Terreiro, os pais e mães de santo, incorporados com suas entidades, realizam o ato de enfeitar a tribuna, enquanto um ritual que antecede a festa.

Imagem 08 e 09- Altar da festa ou tribuna dos anos de 2017 e 2023. Fonte: Arquivo Pessoal (2018)



A procissão dos impérios é um momento de grande entusiasmo, beleza e devoção. Acompanhada pelas caixeiros, bandeiras e bandeireiros, que entoam cânticos para o Divino, com paradas pelas residências em busca das crianças do império. São estourados foguetes, anunciando a passagem do cortejo, e com isso os devotos se apresentam nas portas de suas residências, recebendo as bênçãos e numa dinâmica de trocas, doam dinheiro, que é colocado dentro da coroa carregada pela imperatriz.

Imagem 10 e 11- Procissão pelas ruas da comunidade nos anos de 2015 e 2024. Fonte: Arquivo Pessoal (2024)



Ao chegar da procissão o bandeireiro adentra o espaço sagrado do salão da festa. As caixeiros realizam a dança salvando o mastro santo e posteriormente a tribuna,

assentam-se os impérios com o auxílio do mestre sala⁸. O bandeireiro leva os impérios para o espaço do jantar constituído de fartos e grandiosos pratos (tortas de frango e camarão, carne de porco e de boi, assado de frango, salada de maionese, farofa, arroz e macarrão e o tradicional bolo de tapioca). Pratos são distribuídos para as caixeiras, bandeiras, impérios e seus familiares, os noitantes e devotos. Distribuem-se doces, bolos e refrigerantes (guaraná Jesus), cervejas e vinhos.

Imagem 12 e 13- Dança das caixeiras com a chegada da procissão e Jantar dos Impérios. Fonte: Arquivo Pessoal (2020)



O fechamento da tribuna ocorre após o jantar dos impérios, com cânticos de despedida e de encerramento dos trabalhos, as caixeiras e bandeirinhas se congratulam, emocionadas pedindo forças para que no ano que vem estejam firmes e fortes para realização e continuidade da tradição. As caixeiras vão colocando aos poucos as caixas no chão em sinal de finalização da festa.

Já no que tange ao derrubamento do mastro, este ritual ocorre no domingo posterior ao término da festa. Na ocasião, as caixeiras cantam se despedindo do mastro santo, reivindicam a sua condição de defensor dos bons presságios e da fartura e conduzem ao seu derrubamento. Ao som de Nossa Senhora da Guia, todas as pessoas envolvidas na festa pegam um machado e simulam a derrubada do mastro. Após a retirada

⁸ O Mestre- sala, é um profundo conhecedor das tradições, que orienta todos os passos do ritual, sendo o auxiliar do festeiro.

do tronco do chão, crianças e adultos saem com o mastro pelas ruas do bairro e o cortejo atrás a fim de tomá-lo e encerrar definitivamente a festa.

Dado o exposto, este trabalho visa descrever a memória deste festejo e dos seus rituais, a forma de organização que antecede o mesmo e sua realização, o cotidiano dos devotos e festeiros/organizadores, do império, das caixeiras (e caixeiros), bandeirinhas e bandeireiros e demais personagens que compõem esta manifestação cultural e religiosa, sendo a referida festa uma das mais antigas do município de Pinheiro e a sua manutenção, fortalece o sentimento de pertencimento da comunidade da Quinta da Boa Vista por meio da relação desta com o sagrado.

Referências

- BARBOSA, Marise. **As mulheres que dão no couro: as caixeiras do divino do Maranhão**. São Paulo: Empório, 2006.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil**. 5 ed.-Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FERRETTI, Sérgio. **Querebentã de Zomadonu: Etnografia da Casa das Minas do Maranhão**. Rio de Janeiro: PALLAS, 2009.
- FERRETTI, Sérgio. **Repensando o Sincretismo**. São Paulo: EDUSP, 2013.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008.
- LOBATO, M.F. Relatório de Pesquisa PIBIC EM 2022/2023. PRPGI: 2023.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : _____. **Sociologia e Antropologia**. v. II. São Paulo : Edusp, 1974.
- PACHECO, G. GOUVEIA, C. ABREU, M.C. **As caixeiras do Divino Espírito Santo de Pinheiro-MA**. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé.
- PEIRANO, M. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.
- PESSOA, C.P. Relatório de Pesquisa PIBIC EM 2022/2023. PRPGI: 2023.
- TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1996.